

CONFIRA A ENTREVISTA QUE SELECIONAMOS PARA ESTE NÚMERO DA REVISTA:

POR: Roseli Nazário*

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa realizada pela Prof^a Roseli Nazário com profissionais de uma creche em Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação. A partir deste número traremos, durante três edições, os interessantes depoimentos dessas profissionais.

PARTE I

Entrevista com a Professora atendente de Berçário

Atua com crianças de idades compreendidas entre quatro meses e um ano e cinco meses. Possui formação em Séries Iniciais.

PERGUNTA 1: Fale um pouco de você professora. Quem você é?

Nasci no Alto Gasparinho – Município de Gaspar há 51 anos e já estou ficando velha. Sou de uma família de 12 irmãos, 13 comigo. Todos saudáveis, muitos sadios e a gente teve uma infância muito sadia, de subir morro, descer, de mato, de escorregar na calha de coqueiro. A gente se virava. A minha infância foi marcada por brincadeiras diferentes, diversas. Os meninos faziam as casinhas e a gente cobria com folhas de coqueiros, tomava água nas folhas de inhame no rio, tomava muito banho de ribeirão e fazia um monte de outras coisas. E, essa infância, a gente traz junto com a gente, essa infância alegre. E hoje eu tenho muita alegria comigo. Hoje eu estou meio pra baixo, mas é muito difícil eu ficar assim. Eu também estudei até a 4ª série, numa escola com uma sala só, onde a professora passava uma lição para cada série. Dava matéria pra uma turma, depois pra outra. Fiquei na roça. Quando uma tia ganhava neném, ia pra casa dela cuidar. Depois, com 16 anos, vim para Blumenau. Trabalhei na fábrica, casei, fui pra rua / demitida, engravidei voltei a trabalhar na Hering e também fui pra rua porque não conseguia fazer a produção boa e parei de trabalhar por 8 anos. Cuidei de duas crianças em casa. A vida já estava mais fácil, já tinha a casa própria. Depois disso veio a catástrofe da enxurrada e eu comecei a ajudar o pessoal da creche do Kolping a limpar, lavar roupas, lavar ao móveis porque estragou bastante coisa. Assim eu fui me entrosando com o pessoal de lá e depois eu fui trabalhar registrada na cozinha e de lá eu fui para as salas. Não trabalhei tão direto, saí mais um tempo e depois voltei por concurso. Ao todo eu já estou trabalhando com crianças uns 13 ou 14 anos. Desde 1990 eu to no berçário, só no berçário.

PERGUNTA 2: Dentro do teu trabalho, da tua longa experiência, a creche cumpre a função que ela se propõe?

Eu acho que não. Eu falo do berçário. Eu vejo que a gente deixa muito a desejar porque um bebê não pode vim sozinho, a mãe traz e daí a gente trata, bota na cama e gente precisaria

dar mais atenção. Até quando veio aquele período das 6 horas eu achei muito...eu não gostei porque tinha que atender de 10 a 12 crianças e eu vejo que é muita criança para uma pessoa só. A gente tinha a ajuda da diretora, da zeladora, da cozinheira, mas elas têm as funções e obrigações delas. Duas tias era bem melhor. Ainda hoje eu vejo que é muita criança. Tem vezes que tu consegue atender os grandes e deixar o bebê, Mas, tem vezes que os dois precisam de atenção. Principalmente os maiorezinhos como o Gean, a Émile, o Jonathan. Tem que estar toda hora com eles, e os bebês? Na hora da troca também, a gente vai para o trocador e tira a roupa e bota roupas tira cocô e os outros ficam todos sozinhos. E eu vejo que não é aquilo que a gente devia fazer. Principalmente com os de berçário, com os maiores que já vão ao banheiro sozinhos, são mais independentes, eu até vejo um trabalho bem legal. Aqui no berçário fica muito centrado só no cuidar e não é o que a educação infantil quer da gente. A gente até se esforça, mas muitas vezes não dá.

PERGUNTA 3: Como as crianças vivenciam o dia-a-dia aqui na creche?

Na criança eu sempre vejo a mesma alegria e a mesma espontaneidade deles, própria deles. Eu vejo que a diferença fica na hora que a mãe fala tchau, que eles ficam. Eu vejo que alguns nem sentem a diferença. A maioria nem chora mais porque já se acostumaram também. Eu sempre falo do berçário, dos pequenininhos. Eu acho que eles brincam na creche eles brincam em casa. Ou, até melhor porque tem os amigos pra dividir ou até para estapear uma ao outro, batem, mas acho que é uma coisa natural da criança.

PERGUNTA 4: O que é uma boa creche para as crianças? Pensando nelas, o que é definir uma boa creche?

Acho que tem que ser um lugar onde tenha profissionais capacitados que atendam com todo carinho. Que tenha todo o atendimento que a criança necessita. Que ela tenha espaço, que no caso nós temos pouco, pra ela correr, brincar, tudo aquilo que ela tem necessidade de extravasar. Que tenha uma boa atenção, pra poder atender essa criança, que tenha uma boa alimentação.

PERGUNTA 5: O que tu consideras significativo para as criança que freqüentam a creche?

Uma boa parte da importância da creche está num lugar onde a criança possa ficar pra brincar, porque tem muita casa que, como tu sabes, não tem nem quintal. Porque se a nossa creche é pequena, eu acho que a casa deles é bem menor ainda. Essa é a nossa realidade. Ter companheiros, amiguinhos pra brincar e criar um ambiente talvez até de família, porque a maioria tem uma família toda quebrada, de irmãos diferentes de pais e mães diferentes. E nessa realidade eles vêm para a creche e vivem aqui. Eu penso que também é significativo pra mãe porque é um lugar onde ela possa deixar os filhos seguros e ir trabalhar tranqüila. Quer dizer, não sei se tão tranqüilas, mas pelo menos as aparências mostram que a mãe vai tranqüila. E para as crianças deve ser uma casa como aquela que elas têm. Um lugar pra brincar bastante, para aprender, que ela goste de estar ali com as tias e com os amiguinhos.

PERGUNTA 6: O tempo inteiro tu colocas a interação entre as crianças como um aspecto positivo. O que é, como acontece essa interação?

É uma coisa tão natural, Rose. Os mais grandes querem cuidar dos pequenininhos, só que esse cuidar às vezes dá medo (risadas), sai uma mordida. Só que os maiores ajudam tanto eu quanto os pequenos. O Jonathan já entende tudo o que eu quero, o que eu peço. Se eu

digo: Jonathan, busca a fralda do Fulano, ele pega. Se eu peço um brinquedo, ele pega. Já entende tudo. Essa coisa me emociona (choro) porque se ele fica aqui o dia todo, pouca coisa ele aprendeu em casa, a conviver em grupo pelo menos. Então ele aprendeu muito aqui. Eu vejo que o meu trabalho já serviu para alguma coisa. Porque ele não fala, mas já entende o que eu quero. Ele ouviu eu falar, viu os outros brincar e já consegue entender. Eles se ajudam mais entre si. Às vezes tem um no banheiro o outro leva o papel, tem um que enche o copo de água para o outro tomar. Isso os maiorezinhos. E com isso, a gente entende eles. A gente sabe quando chora porque tem fome, porque se machucou. A gente já conhece. Eu tenho uma dificuldade grande de botar essas coisas naquele caderno de avaliação. Mas não é porque eu não percebo todas essas coisas. É que eu deixo pra depois e aí depois já é hora de ir embora e não dá tempo de escrever. Daí eu começo a pensar assim: ah, essas coisinhas não devem ser importantes pra colocar no caderno. A gente tem dificuldade de fazer isso porque lê e escreve pouco, eu sinto isso. Se eu estou ali com eles eu percebo o jeito de cada um e quando eles vão para fora (turma do maternal), de vez em quando eu vou lá ver como eles estão. Acho que eles tão melhorando, tão mais espertos.

PERGUNTA 7: E o que você entende por necessidades e interesses das crianças?

Necessidade de querer colo, de querer comer, de fazer cocô e xixi. Isso são as necessidades. Além disso, eles precisam de muita atenção, carinho e amor, porque até dois anos eu vejo que eles precisam muito da gente. Depois eles até se viram mais sozinhos. Mas aqui no berçário eles precisam o tempo todo da gente. Até nas brincadeiras, porque no mesmo tempo que estão brincando, já estão tirando o brinquedo do outro, daí um estapeia o outro. Então a gente tem que estar sempre paciente e atender bem todas as necessidade e entender bem todos os gestos deles. E interesse já dá para perceber um pouquinho que eles brigam por um brinquedo, então é querer, porque tem outros brinquedos ali, mas quando tem uma coisinha nova na sala todos querem. Pode ser até uma caneta. E quando a gente consegue fazer isso, daí a creche é boa. É onde eles têm toda a atenção e um bom espaço. Porque a nossa realidade aqui eu acho que deixa um pouco a desejar quanto ao espaço. Porque como agora, assim: uns tem a necessidade de dormir que é natural deles, mas outros já não tem a necessidade nesse horário, eles precisavam de outro espaço onde pudessem subir e descer, brincar. Então a nossa creche deixa a desejar nesse aspecto. Deveria ser um lugar onde eles têm a continuação da casa e eu não sei se complementa esta ação para todos. Mas, eu acho que diferencia. Não no afeto, no carinho, porque a mãe bem pobrezinha tem afeto pelo filho. Tem alguns que complementa no sentido do brincar, do se alimentar, de se entrosar com os outros, porque alguns são muito devagar e tem até essa dificuldade. O Eder, por exemplo, é muito devagar e a gente tem que estar mexendo, chamando. Então eu não sei se é bem uma continuação da casa, porque às vezes a mãe quer bem, quer bem, mas quer que fique ali paradinho no bercinho. Então essa continuidade é uma coisa bem específica de uma criança para outra.

PERGUNTA 8: E dentro desse trabalho, o que impede e o ajuda você a atender essas necessidades e interesses das crianças?

O que impede é que tem muitos na sala e a gente não consegue atender direito todos ao mesmo tempo e tem que dizer muito não para eles, não, não pode isso, não pode aquilo, não, não é agora. A gente consegue atender uma parte desses interesses e isso ajuda no crescimento, pra eles crescerem e saberem que eles têm que dividir, que na hora que chega lá fora tudo é dividido e tem que sair à luta mesmo e, eu acho que desde pequeno talvez

esse não que a gente não deveria dizer, mas tem uma importância para a vida lá fora. Eu acho que isso é necessário.

PERGUNTA 9: E o que ajuda tu a perceber que estás ou não atendendo os interesses e essas necessidades dessas crianças?

Eu estando tranqüila eu posso atender melhor. Eu estando segura que eu tenho alguém que me orienta. Nós não temos orientadora, mas a gente já teve e hoje tem a diretora que ajuda. Que eu tenho apoio na casa, que eu tenho uma boa formação.

PERGUNTA 10: Olhar para as crianças ajuda a perceber o que elas gostam ou que elas precisam?

Ah, sim. Ajuda muito. Precisa observar. Eu presto atenção quando fico sentada, no chão geralmente, e eles estão em volta, quando estou tratando e eles ficam em volta, de pé. Pode dar um pedacinho de carne que é uma alegria. Parece que eles têm que comer tudo de uma vez só. Então se a gente tem a carinha que já vai desfiando e dando eles já ficam tranqüilos e sabem esperar pela vez deles. Tem muita coisa assim que a gente observa assim, muitos momentos. E é esse o momento de registrar porque tu estás empolgada com aquilo e se deixar para o outro momento parece que já perdeu o sentido, dá alegria da frase. Porque alguns até já falam uma coisinha que dá para colocar, uma expressão, mas isso é uma dificuldade. Por isso é importante registrar. Eu até acho que aquele caderno, Rose, não devia ficar na minha sala e outro que vem vir outro para minha sala. Eu acho que aquele caderno no ano que vem deveria ir para o maternal e no outro para o jardim, porque ali está toda a história da criança no CEI. Mas aquele do ano passado está lá arquivado e nesse ano nós ganhamos outros, toda sala ganhou caderno novo. Então desse jeito eu não vejo muita importância. Quer dizer, algum dia alguém vai pegar aquele caderno e vai ler. Mas, por exemplo, o Gustavo. esteve no berçário de tal a tal período, mas daí este caderno é guardado e quando se precisa saber alguma coisa dele tem que ir lá no arquivo buscar aquele caderno. Se ele (o caderno) saísse do berçário e fosse acompanhando a criança na turma para onde ele vai, daí sim seria bem melhor. E essa idéia eu acho importante. Eu até já comentei aqui que a gente poderia fazer isso pra que esse caderno tenha validade. E nos cursos eu também já disse isso, mas... Eu acho que o curso é um complemento e dá um ânimo pra nós, porque é assim oh: a gente está desanimada, a prefeitura esqueceu de nós, então a gente precisa de uns cursos pra dar vontade. A gente tem que estar em contato com os outros CEI's, porque isso é uma rede e a gente precisa estar ouvindo o que acontece, o que pode melhorar, o que acontece naquele outro CEI e a gente ainda não consegue fazer. Pra isso eu acho que tem que ter cursos. Esses encontros são muito válidos. Quanto aos registros, nem para casa vai mais aquele boletim que ia. Agora tem um caderninho de avisos nas mochilas e quando precisa conversar com os pais a gente chama e fala.

*Membro do NEE0A6 e professora da UNIVALI/SC